

Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida

Territories of self-writing thinking the profession – narrating life

ELIZEU CLEMENTINO DE SOUZA*



RESUMO – O texto apresenta reflexões sobre possíveis aproximações entre memória, formação e profissionalização, para discutir percursos pessoais e coletivos de educadores, com vistas a destacar um *corpo de saberes* experienciado pelos professores e um *sistema normativo* de controle do magistério, no campo educacional baiano. Discute como imprimiram marcas no tocante à história da profissão docente, a partir da discussão teórica sobre entrevistas narrativas realizadas com educadores baianos que exerceram fortes influências no cenário educacional da Bahia entre os anos 1940 e 1980 e ainda exercem, atualmente, um ‘ofício’ profissional. O eixo central deste trabalho consiste em discutir questões concernentes à história da profissão e da profissionalização docente, no país, e a aspectos teórico-metodológicos das entrevistas narrativas.

Palavras-chave – profissão docente; memória e formação; pesquisa (auto)biográfica; entrevistas narrativas

ABSTRACT – This paper presents reflections upon some possible approximations between memories, education and professionalization so as to discuss personal and collective itineraries of educators. We aim, throughout this process, to highlight a set of knowledge, experienced by the teachers and a normative system of control in Bahia educational field. We discuss how this imprint a mark in the history of teaching, on the base of a theoretical discussion upon narratives interviews, realized by teachers from Bahia, who have exerted strong influences in the educational Bahia scene between 1940 and 1980 and still practice some profession nowadays. Our main purpose is to discuss relevant questions to the history of teaching profession and professionalization in Brazil, as well as some theoretical and methodological dimensions of the analysis of narratives interviews.

Keywords – teaching; memory and formation; (auto)biographic research; narratives interviews

INTRODUÇÃO

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas. A noção de território como confluência de múltiplos espaços narrativos vincula-se às relações sociais, políticas, materiais e simbólicas, vividas pelos sujeitos em suas trajetórias de vida-formação.

Vida, profissão e narrativa estão entrecruzadas com relações territoriais e de poder, na medida em que remetem

o sujeito a viver sua singularidade, enquanto ator e autor, investindo em sua interioridade e conhecimento de si e estimulando questionamentos sobre suas identidades, reveladas nas escritas do eu. Nesse cenário, trajetórias de vida e fragmentos biográficos articulam-se através de ações coletivas, aprendizagem informal e experiências sociais como constitutivas das culturas, identidades, subjetividades e diversidades dos sujeitos em seus territórios de vida-formação.

O texto toma o conceito de profissionalização para discutir percursos pessoais e coletivos de educadores baianos, ao destacar como um *corpo de saberes* vivido pelos professores e um *sistema normativo*, de controle do magistério, no campo educacional baiano, imprimiram marcas no tocante à história da profissão docente. Intenta-

* Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (BA, Brasil) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (BA, Brasil). E-mail: <esclementino@uol.com.br>.

Artigo recebido em fevereiro e aprovado em abril de 2011.

se apreender, a partir das histórias de vida de educadores baianos, os modos como os professores das décadas analisadas viveram a profissão docente e quais saberes foram se constituindo, paralelamente, à construção de normas sobre políticas e práticas de formação.

Buscamos refletir sobre possíveis aproximações entre memória e formação, a partir da análise de entrevistas narrativas realizadas com educadores que exerceram influências no cenário educacional baiano de 1940 a 1980 e que ainda atuam no ‘ofício’ profissional de professor. O eixo central do texto consiste na discussão de questões sobre história da profissão docente/profissionalização e de aspectos teórico-metodológicos das entrevistas narrativas.

1 PROFISSIONALIZAÇÃO E HISTÓRIA DA PROFISSÃO DOCENTE

A configuração sócio-histórica da gênese e do desenvolvimento da profissão docente¹ vem sendo marcada, desde o século XV, por diversas questões de ordem epistemológica, de caracterização do fazer profissional e, conseqüentemente, de estatuto profissional da atividade docente.

Assistimos, no final do século XX, como se estivéssemos participando de uma grande produção forjada pelos interesses hegemônicos, a um conglomerado de circunstâncias desiguais em que se encontram os professores. O acelerado desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, o debate e a implementação do neoliberalismo e da economia globalizada marcam problemas no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e reafirmam um movimento de crise de identidade, de profissionalização e da proletarização do trabalho docente, incidindo sobre a ‘figura’ do professor.²

Reafirmamos a posição assumida por Enguita, ao discutir a *ambigüidade da docência*, no que se refere ao profissionalismo e à proletarização, quando explica que

O termo ‘profissionalização’ não se emprega aqui como sinônimo de qualificação, conhecimento, capacidade, formação e outros traços associados, mas como expressão de uma posição social e ocupacional, da inserção em um tipo determinado de relações sociais de produção e de processo de trabalho (ENGUITA, 1991, p. 41).

O autor continua afirmando que “No mesmo sentido, ainda que para designar um conteúdo oposto, emprega-se o termo ‘proletarização’, que deve se entender livre das conotações superficiais que o associam unilateralmente ao trabalho fabril [...]” (ENGUITA, 1991, p. 41).

As complexidades das relações sociais e profissionais acirram embates entre a profissionalização e a proletarização docente, o que vem marcando uma erosão na identidade profissional dos professores e gerando questionamentos sobre o *locus* de formação, saberes constituintes da docência, especificidades do saber e fazer no ato educativo, bem como aspectos concernentes às condições de trabalho e de formação docente.

Ao discutir a racionalidade técnica do ensino e seus diferentes modelos na segunda metade do século XX, Nóvoa (1992a) salienta que não se pode reduzir a prática educativa e a vivência escolar a princípios técnicos e racionais, porque os sujeitos e atores constituintes do cotidiano escolar conclamam novas formas e pressupostos que referendam a prática docente e os processos de aprendizagem. Ainda no que se refere à racionalização do ensino e à profissão docente, Nóvoa (2002a, 2002b) afirma que os modelos de racionalização técnica, empreendidos pela pedagogia a partir da racionalização do ensino, nascem marcados pelo mimetismo relacional de paradigmas dominantes no mundo econômico e no campo empresarial. A gênese das terminologias e da aplicação de conceitos do mundo da gestão, tais como objetivos, eficácia, eficiência, produtividade, estratégias e tantos outros, busca depreciar e desqualificar as práticas e os saberes experienciais dos professores e enquadrar o fazer e a prática docente, ou mais especificamente a pedagogia, em um conjunto de princípios que orientam outra organização do ato educativo e da organização da escola e das práticas pedagógicas. A emergência desse modelo parte de uma desqualificação e desvalorização da profissão docente, visto que se aumenta o controle social e técnico sobre a pessoa do professor e a profissão, gerando uma crise de identidade profissional.

A racionalidade técnica contribuiu para a consolidação da crise de identidade dos professores, a qual segundo Nóvoa,

[...] não é alheia a esta evolução que foi impondo uma separação entre o *eu* pessoal e o *eu* profissional. A transposição desta atitude do plano científico para o plano institucional contribuiu para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização [...] (NÓVOA, 1992b, p. 15) [grifos do autor].

A desvalorização, a proletarização e a crise do trabalho docente têm raízes históricas, e diferentes contextos reafirmam a descaracterização dos professores face ao seu ofício. Do Pós-Guerra aos dias atuais, as competências técnicas e profissionais, além dos saberes que constituem a docência, foram escamoteados e, às vezes, ameaçados por ideologias que descaracterizavam o exercício docente, afastando cada vez mais a dimensão pessoal da profissional.

A descaracterização da profissão, como uma das vertentes da desvalorização do magistério como profissão, articula as críticas construídas sobre o papel da educação no contexto social capitalista. Marcadamente, a partir da década de 1960 e início dos anos 1970, evidencia-se um aumento do número de vagas e de matrículas nas escolas públicas, criando-se um paradoxo por parte do discurso oficial sobre os recursos destinados à educação e à formação de professores para atender tal demanda. Nesse contexto, visualiza-se e discute-se a expansão da demanda pelo ensino público, provocada pelo crescimento da população escolar, que passou a exigir um maior número de professores. Para atender a esse novo quadro, marcado pela expansão do ensino básico, cresce também o ensino superior, com a criação e a implantação de cursos de licenciaturas e de faculdades isoladas. O objetivo era formar novos quadros para as escolas, o que não aconteceu, visto que se legitimou, no discurso oficial, a ausência de maiores investimentos para a área educacional e se autorizou o exercício profissional de professores não habilitados para atender à demanda constituída com a expansão do sistema de ensino básico brasileiro.

As discussões que se consubstanciam nos anos 1980 e 1990, no Brasil, consolidam o discurso acadêmico de valorização da pesquisa, tanto em relação à formação de professores quanto ao desenvolvimento profissional. Articulam-se, a partir de então, categorias teóricas no campo dos saberes docentes, identidade, história de vida como dispositivo de formação inicial e continuada, profissionalização, desenvolvimento pessoal e profissional, assim como as possibilidades teórico-metodológicas da pesquisa na área educacional.

Desde o início dos anos 1990, emergem pesquisas sobre formação de professores que abordam e tematizam as histórias de vida, a memória, as representações sobre a profissão, os ciclos de vida, as condições de trabalho docente, com destaque para as pesquisas que estudam a formação inicial e continuada e para o trabalho com a autobiografia ou narrativas de professores em exercício, em final de carreira ou em formação. Essa perspectiva de pesquisa vincula-se ao movimento internacional de formação ao longo da vida, o qual toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação.

Contemporaneamente, alguns estudos desenvolvidos sobre história da profissão docente no Brasil têm focalizado diferentes aspectos do desenvolvimento profissional e questões relacionadas à formação, à profissionalização e às condições de trabalho. Cabe aqui destacar o trabalho de Catani (2003), que toma o conceito de profissionalização tal qual António Nóvoa, para mapear alguns estudos, especialmente no âmbito dos Congressos Luso-Brasileiros

de História da Educação, referentes à profissionalização e às aproximações teóricas entre as investigações, seja nos seus aspectos metodológicos ou em temáticas vinculadas à carreira: feminização, formação e condições de trabalho.

O destaque que o tema da formação e da profissionalização docente tem assumido na agenda política contemporânea, ao ocupar lugar primordial, tem revelado, em diferentes países, a necessidade de superação de enfoques técnicos sobre a profissionalização (FANFANI, 2007, 2009), em confronto com dimensões ligadas ao controle do trabalho, e sobre o trabalho docente, entre tensões, lutas e transformações no campo educacional e no sistema educativo, interferindo significativamente na identidade docente.

É importante entender, o que já é consenso, que o magistério e a profissão professor³ caracterizam-se como uma atividade com diversos níveis de complexidade, exigindo revisão e construção constantes de saberes, centrando seu saber ser e saber fazer numa prática reflexiva e investigativa do trabalho educativo e escolar no cotidiano pessoal e profissional. Dessa forma, o desenvolvimento profissional entrecruza-se com a dimensão pessoal e político-social do professor enquanto atuante numa realidade contextualizada.

2 ENTREVISTA NARRATIVA: NARRAR A VIDA – FAZER A PROFISSÃO

A discussão apresentada sobre a profissionalização e suas relações com aspectos teóricos e epistemológicos das pesquisas com memória e histórias de vida permitem-nos sistematizar a proposta metodológica do trabalho desenvolvido com entrevistas narrativas, pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia.

As dimensões pessoais e profissionais são estruturantes do ofício que tecemos, das marcas construídas ao longo da vida e das trajetórias constitutivas das histórias individuais e coletivas. Tomar a memória de educadores baianos,⁴ na tentativa de apreender dispositivos e percursos de formação, inscreve-se como fértil para os diálogos estabelecidos entre memória, formação e História da Educação. Entendemos que tanto a história das instituições educacionais quanto os diferentes projetos políticos, concernentes ao contexto educacional, estão vinculados às histórias dos educadores, que, com o seu ofício diário (SOUZA, 2009), contribuíram/contribuem para a constituição e consolidação da História da Educação na Bahia.

Os modos de escrever a vida revestem-se de vinculações estabelecidas cotidianamente com as itinerâncias

dos sujeitos em suas relações sociais e institucionais. Articuladas aos processos históricos e socioculturais, as narrativas profissionais e pessoais revelam os modos como ocupamos os espaços e como nos relacionamos com o trabalho e com as produções concernentes à arte ou ao ofício de educar.

Trabalhos desenvolvidos com a memória e as histórias de vida no campo da História da Educação e da formação de professores têm revelado múltiplos olhares, entradas e possibilidades teórico-metodológicas diversas, as quais partem e tomam como referência princípios da História Nova (BURKE, 1992; LE GOFF, 1996), da História Oral, da fenomenologia da memória (RICOEUR, 2007) e das Histórias de Vida como pesquisa ou práticas de formação (ABRAHÃO, 2001, 2004, 2008).

As discussões sobre a abordagem (auto)biográfica e a formação ao longo da vida, com ênfase na constituição e consolidação do movimento biográfico no Brasil, a partir das pesquisas, suas perspectivas e dimensões de formação, são questões que mobilizam reflexões sobre a formação de professores, o ofício profissional e suas relações com aspectos concernentes às narrativas da história de vida e do trabalho docente.

Evidenciamos que as pesquisas com histórias de vida nascem de uma tradição fenomenológica constitutiva do social com base num enraizamento antropológico e apoiam-se na descrição densa de Geertz, no interacionismo simbólico de George Mead, na dramaturgia social de Goffman e nas implicações teórico-epistemológicas da Escola de Chicago. Por isso, partem essencialmente de uma teoria do social, de como as pessoas vivem, compreendem e resolvem seus problemas sociais e cotidianos.

As pesquisas com histórias de vida e com a abordagem (auto)biográfica assentam-se na hermenêutica crítica, face à interpretação do social e da valorização dos sentidos e significados construídos no contexto pelos sujeitos. Intencionalidade, subjetividade, descrição densa, tradições, cotidiano e representações dos atores sociais são pontos fundamentais dessa abordagem de pesquisa. A partir da tríade heurística, interpretação hermenêutica e participação implicada do pesquisador, busca apreender e compreender os sentidos e vivências dos atores, no intuito de descobrir, conhecer e interpretar o cotidiano.

Conceitos e características do método (auto)biográfico e as tipologias de pesquisa mobilizam férteis discussões sobre perspectivas epistemológica e metodológica, a partir da sistematização de questões vinculadas à profissão docente, à memória e às lembranças, com ênfase na utilização da entrevista narrativa, proposta por Jovchelovitch e Bauer (2002), na tentativa de sistematizar trajetórias e percursos de vida-formação, construção da identidade profissional e influências exercidas por educadores baianos, no que se refere à História da

Educação na Bahia e à definição de políticas educacionais.

As experiências de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO),⁵ especificamente a partir das entrevistas narrativas realizadas na Disciplina TEE028 – Abordagem (Auto)biográfica e Formação de Professores – vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB), têm nos permitido a sistematização de princípios sobre as narrativas de formação e aspectos relacionados ao trabalho docente, tomando como referência a produção das entrevistas narrativas e a socialização de aspectos teóricos sobre as histórias de vida como perspectiva de pesquisa e de formação.

No processo da disciplina, desenvolvemos práticas de escritas e reflexões sobre trajetórias e percursos de formação de educadores baianos, a partir das entrevistas narrativas,⁶ realizadas por duplas de alunos e apresentadas nas diferentes sessões da disciplina, constituindo-se como uma das perspectivas metodológicas do trabalho de formação e (auto)formação. O trabalho centrado nas entrevistas narrativas permitiu a elaboração de um texto pelos alunos, articulando questões epistemológicas sobre a abordagem (auto)biográfica e sobre os processos de formação e de (auto)formação, implicados na realização das entrevistas com os educadores baianos e suas relações com a proposta da referida disciplina.

No que se refere ao planejamento da entrevista, consideramos uma discussão prévia do grupo sobre questões teórico-metodológicas, especificamente em relação à abordagem de pesquisa e aos procedimentos/diferenças entre depoimentos orais, narrativa escrita e dimensões éticas da pesquisa com histórias de vida e narrativas de formação. A escolha do entrevistado/entrevistada tomou como referência os percursos de vida-formação dos educadores e sua atuação na educação baiana, entre as décadas 1940 e 1980, com destaque para as produções, atuação profissional e a forma com que vivenciaram as diferentes transformações da educação no estado da Bahia.

Após a escolha do/da entrevistado/entrevistada, mediante uma lista construída coletivamente pelo grupo, buscou-se discutir e estabelecer critérios para o contato, a explicitação dos objetivos da entrevista narrativa, tendo como ponto de partida os atuais locais de trabalho dos entrevistados, as relações sociais e profissionais com pessoas relacionadas ao seu cotidiano pessoal e profissional, bem como as trajetórias de formação, com um olhar específico sobre a formação acadêmica e o ofício docente/profissional.

Definimos, então, que seriam entrevistados quatorze educadores baianos que continuam, ou não, no exercício

profissional, mas exerceram influência no campo educacional baiano, entre as décadas de 1940 e 1980. Elegemos sete professores e sete professoras com visões e itinerâncias singulares, com destaque para a memória e História da Educação no estado. Foram entrevistados os seguintes professores: Cipriano Luckesi, Edvaldo Machado Boaventura, Flávio Dias dos Santos Correia, Hélio Rocha, José Jerônimo de Moraes, Roberto Santos e Zilton Rocha. Foram entrevistadas as seguintes professoras: Amábia Almeida, Dilza Atta, Dirlene Mendonça, Elza Arns, Maria Anália Costa Moura, Maria Augusta Abdon e Yeda Pessoa de Castro.

Os educadores escolhidos destacam-se pela influência exercida na definição de políticas educacionais e no modo como viveram/vivem o ofício profissional, desempenharam/desempenham funções públicas, como Governador do estado, reitores de universidades estadual, federal e privada, gestores de escolas, membros de entidades e associações culturais, científicas e acadêmicas da área, e vivenciam a função docente, implicando na formação de diversos profissionais no contexto baiano.

Após a escolha dos entrevistados, consolidou-se o contato e o agendamento do primeiro encontro, na tentativa de explicitação da natureza do trabalho, mediante a apresentação do ofício solicitando autorização para a realização da entrevista, constando, em síntese, os nomes dos entrevistadores, a finalidade e importância do trabalho, os objetivos e a forma de uso das informações registradas. O outro documento apresentado foi a Carta de Cessão, por meio da qual o entrevistado/entrevistada concedeu os direitos autorais da entrevista aos professores da disciplina e aos entrevistadores, para publicação em livros, revistas, periódicos e outras formas de divulgação pública.

Concedida a permissão da entrevista, o(a) entrevistador(a) deveria apresentar ao(a) entrevistado(a) a metodologia utilizada, com ênfase em três grandes eixos narrativos: percurso de vida; trajetória de formação; atuação e experiência profissional.

Para Souza (2008), as pesquisas pautadas nas entrevistas narrativas contribuem para a superação da racionalidade técnica como princípio único e modelo de formação. Além disso, a pesquisa com entrevistas narrativas funciona numa perspectiva colaborativa, pois quem narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação através da investigação e formação de si. Por outro lado, o trabalho com entrevistas narrativas faz com que as alunas em processo de formação interroguem-se sobre suas trajetórias e seus percursos de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta/leitura da narrativa do outro. A perspectiva colaborativa da pesquisa com entrevistas narrativas no território da formação

implica aprendizagens e teorizações sobre as práticas docentes, porque tem as experiências narrativas como possibilidade de compreender e ampliar as trajetórias de formação e a própria história dos diferentes sujeitos vinculados ao projeto de formação.

A pesquisa com entrevistas narrativas inscreve-se nesse espaço em que o ator parte da experiência de si e questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, por entender que as histórias pessoais que nos constituem são produzidas no interior de práticas sociais institucionalizadas e por elas mediadas. As entrevistas narrativas demarcam um espaço em que o sujeito, ao selecionar aspectos da sua existência e tratá-los oralmente, organiza as ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação. No que se refere à percepção e aos sentidos construídos pelas alunas/entrevistadoras, em relação às entrevistas narrativas, destacam-se aspectos vinculados aos saberes da experiência, ao papel da memória para a formação, à relação teoria-prática, aos questionamentos e deslocamentos que a história de vida do outro nos remete.

Utilizou-se o gravador como recurso para o registro das entrevistas, além de outros documentos escritos (trabalhos publicados, livros, artigos, artigos publicados em jornais), fotografias, documentos pessoais e depoimentos de colegas que conviveram com os entrevistados. As entrevistas foram realizadas entre três e quatro encontros presenciais, também utilizados para o levantamento de documentos, fotografias e outras fontes que possibilitassem o registro de diferentes relatos, observações de atitudes e reações, expressão de sentimentos. O trabalho da memória e de suas relações com o esquecimento se realiza na busca de pistas e fontes para apreender dimensões da vida-formação dos professores/professoras entrevistados/entrevistadas.

Procedemos à transcrição da gravação das entrevistas narrativas e das narrativas de amigos, colegas de trabalho, companheiros de formação e à análise documental, a partir dos registros escritos pelos entrevistadores e suas respectivas análises, em articulação com as discussões teóricas sobre memória, histórias de vida e práticas de formação.

A entrevista narrativa, como trabalho da memória, configura-se como singular para a apreensão de aspectos sócio-históricos e conjunturais da educação, numa primeira instância, e dos percursos e trajetórias de formação, numa perspectiva individual dos educadores entrevistados. Entendo que a narrativa abre espaços e oportuniza aos sujeitos em processo de formação o compartilhamento de experiências formadoras sobre tempos, espaços e trabalho

biográfico. Dessa forma, as narrativas, como noção e espaço biográfico, constituem-se de forma singular num projeto formativo, porque partem da transação entre diversas experiências e aprendizagens individuais e coletivas circunscritas nos territórios de vida-formação.

3 ENTREVISTA NARRATIVA: IDENTIDADE DOCENTE, CORPO DE SABERES E SISTEMA NORMATIVO

Na tentativa de refletir sobre possíveis aproximações entre memória e formação, buscamos sistematizar questões, de forma abreviada, sobre identidade docente, a partir das ideias de Nóvoa (1991) relativas ao *corpo de saberes* e *sistema normativo*. Esses conceitos foram trabalhados nas entrevistas realizadas com educadores baianos que tiveram fortes influências no cenário educacional baiano entre os anos 1940 e 1980 e que ainda hoje exercem ‘ofício’ profissional em diferentes áreas. A ênfase dada aos seus percursos e trajetórias de vida-formação teve por finalidade buscar entender suas vinculações com a educação na Bahia, remetendo para uma análise inicial dos episódios narrativos e acontecimentos das trajetórias de formação.

A discussão construída por Nóvoa (1991) sobre a gênese e o desenvolvimento da profissão docente está vinculada à construção do profissional como um tipo de funcionário do Estado, e o trabalho que o docente realiza, à definição de um ‘corpo de saberes’ e a um ‘conjunto de normas e valores’, que se configuram como um sistema normativo, em vigor entre os séculos XVI e XVIII, com forte influência e dominação das congregações religiosas, como afirma o autor:

Os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, tornaram-se *congregações docentes* e realizam um trabalho de definição de um *corpo de saberes* e de *savoir-faire* e de um *conjunto de normas e valores* próprios da atividade docente [...] (NÓVOA, 1991, p. 119) [grifos do autor].

Os saberes e as normas vinculados à profissão marcam dimensões específicas sobre a formação, a profissionalização e a identidade dos professores, em articulação com conhecimentos diversos sobre a pedagogia, construídos muitas vezes de forma externa ao mundo dos docentes como normas e saberes técnicos que subsidiam o trabalho dos professores: “O duplo trabalho de produção de um *corpo de saberes* e de um *sistema normativo* faz-se paralelamente a um investimento cotidiano e a uma presença cada vez mais ativa no campo educacional [...]” (NÓVOA, 1991, p. 120) [grifos do autor].

As ideias de corpo de saberes e sistema normativo expressam, numa leitura atual e para além da vinculação

às congregações religiosas, modos próprios como os docentes desenvolvem-se e constroem a profissão. No que se refere aos educadores baianos entrevistados, destacamos que, no contexto histórico em que estudaram, formaram-se e exerceram a profissão, contribuíram para a definição de políticas educacionais, tanto pelas funções públicas que exerceram, como Governador do estado, Reitor, gestor de escolas, membro de entidades da área, quanto por sua ação docente no contexto educacional da Bahia, mediante a construção de saberes, elaboração/aprovação de normas e de reformas educacionais.

As entrevistas narrativas realizadas com os educadores explicitam marcas da infância, mobilidade social e deslocamentos vividos em suas trajetórias e percursos de escolarização e formação, ao refletirem faces da dinâmica social, demonstrando modos narrativos que revelam perspectivas políticas, ideológicas e práticas do social, a partir de posições sucessivas vivenciadas pelos sujeitos em seus contextos de vida-formação. Diversos são os olhares lançados sobre as experiências de vida-formação apresentadas nas entrevistas e suas implicações no contexto educacional baiano, especialmente as relacionadas à implantação de políticas públicas de formação de professores, à criação de universidades estaduais, à interiorização do ensino superior no estado e, principalmente, à fundação e instalação das faculdades estaduais de educação e às políticas de formação de professores.

O corpo de saberes e a definição de um sistema normativo, no campo educacional brasileiro e baiano, sofrem influências dos educadores e de suas trajetórias de vida, incidindo sobre o modo como desenvolvem a profissão em seus diferentes momentos históricos. Políticas de formação e reformas educativas foram forjadas em diferentes momentos históricos e incidem sobre os modos como os docentes vivem e representam suas identidades profissionais e como são controlados e avaliados pelo estado, em confronto com um sistema normativo e um corpo de saberes.

Ao discutir sobre “Os professores e a fabricação de identidades”, Lawn (2000)⁷ afirma que a construção e as alterações na identidade são forjadas e governadas pelo estado, o qual utiliza discursos como forma de controlar as “identidades oficiais”. O discurso revela-se como elemento de governação das identidades oficiais e gerencia as reformas pensadas como estratégias políticas de um determinado momento histórico.

O controle da identidade dos professores e o estabelecimento de ações de fiscalização instauram-se como matriz da gestão da profissão, a qual deve refletir e adequar-se ao projeto educacional do estado e representar a ideia de “identidade nacional e de trabalho” (LAWN, 2000, p. 69), como forma de garantir mudanças no sistema

educativo. Evidencia-se que a identidade é produzida e performatizada na interrelação com o discurso legal, administrativo e pedagógico, expresso por meio de parâmetros, regulamentos, manuais, portarias, discursos públicos, projetos e programas de formação.

A relação posta pelo autor entre a fixação de uma identidade nacional ou oficial e o mundo do trabalho torna-se visível pelos efeitos práticos e ideológicos da administração e governação dos professores, através das políticas de formação, das exigências e ‘competências’ requeridas para seleção ou contratação, o que evidencia que “[...] a identidade pode ser um aspecto chave da tecnologia do trabalho [...]” (LAWN, 2000, p. 71). As mudanças e reformas educativas vinculam-se aos modelos político-econômicos e refletem as alterações impressas no trabalho docente, relacionando-se às formas de controle sobre a identidade dos professores e as tecnologias impostas pelo trabalho.

Historicamente, as questões sobre fabricação da identidade e políticas reguladoras de fronteira são ilustradas pelas lutas e tensões dos professores nos movimentos trabalhistas ao longo do século XX, na vinculação a partidos de esquerda, na eleição ou candidatura de professores e na participação em movimentos sociais.

Em diferentes períodos e reformas, a fixação de identidade dos professores, gerenciada através dos discursos, materializa-se nas mudanças e na reestruturação do trabalho. Estruturas e políticas tácitas são pensadas pelo Estado como forma de regulação das identidades dos professores, seja para a manutenção das identidades oficiais ou para o policiamento das fronteiras identitárias. Os professores contrapõem-se, através dos movimentos associativos e sociais da profissão, ao discurso de governação e às políticas de fronteira. A autonomia e o domínio exercido no espaço da sala de aula, assim como o controle por parte do sujeito professor do seu fazer, podem criar dimensões de não subserviência, de oposições e tensões sobre a manutenção e as políticas de fronteiras pensadas e reguladas pela nação, visto que a

[...] existência de professores que não se adequam às identidades oficiais causam pânico. Da mesma forma, as ideias que os professores têm, e as pessoas às quais se associam, também causam pânico [...] (LAWN, 2000, p. 76).

Esse princípio configura-se como um dos problemas relacionados à manutenção das fronteiras, estabelecendo dificuldades para se controlar e manter fidedignas as identidades oficiais.

Novos problemas são impostos cotidianamente à identidade dos professores e às políticas de fronteira. Gerir a identidade docente, através da polifonia de discursos construídos na modernidade, como forma de um

novo controle sobre a profissão ou para as transformações exigidas pela sociedade do aprender a aprender, instala uma nova crise sobre a profissão e os saberes da profissão. Mudanças na forma de pensar e viver a identidade docente são construídas desde a década de 1980, as quais consubstanciam-se na emergência de uma sociedade tecnológica, numa economia globalizada e no acirramento das injustiças e desigualdades entre as pessoas e as nações.

Tais mudanças influem significativamente na forma de pensar e exercer a profissão docente, inclusive os formatos de controle e de regulação das identidades. Se nos anos 1980 a identidade dos professores representava um domínio sobre o fazer e circunscrevia-se ao espaço da sala de aula e à organização da escola num modelo de descentralização como sinônimo de qualidade, a partir do início dos anos 1990, as identidades e os mecanismos de controle são explicitados nas políticas de formação e de certificação, as quais configuram modelos de competências, de uma cultura da excelência e da diversidade de imagens e representações de professores, engendrados pelos diferentes modelos de escolarização.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. **Identidade e vida de educadores rio-grandenses**: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. **Educadores sul-rio-grandenses**: muita vida nas histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- ALLIAUD, Andrea. **Los maestros y su historia**: los orígenes del magisterio argentino. Buenos Aires: Granica, 2007.
- BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Traduzido por Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CATANI, Denice Barbara. Estudos de história da profissão docente. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 585-99.
- CONTRERAS, José. **A autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- ENQUITA, Mariano. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, Pannonica, n. 4, p. 41-61, 1991.
- FANFANI, Emilio Tenti. Reflexões sobre a construção social da profissão docente. In: MEDRANO, Consuelo Vélaz de; VAILLANT, Denise (Orgs.). **Aprendizagem e desenvolvimento profissional docente**. OEI. Madrid: Fundação Santillana, 2009. p. 39-47. (Metas educativas 2021)

FANFANI, Emílio Tenti. **La condición docente**: análisis comparado de la Argentina, Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

GATTI, Bernadete. Formar professores: velhos problemas e as demandas contemporâneas. **Revista da FAEEDBA**, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, Salvador, v. 12, n. 20, p. 473-477, jul./dez. 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. In: NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen. (Orgs.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: EDUCA, 2000. p. 69-84.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Traduzido por Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, Pannonica, n. 4, p. 109-39, 1991.

_____. (Org.) **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1992a.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1992b. p. 11-30.

_____. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1992c. p. 13-34.

_____. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002a.

_____. Concepções e práticas de formação contínua de professores. In: NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002b. p. 49-66.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educacional e a reestruturação do trabalho docente: reflexões sobre o contexto latino-americano. **Educação & Sociedade** – Revista de Ciência da Educação, São Paulo, Cortez, Campinas: Cedes, v. 28, n. 99, p. 355-75, maio/ago. 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Traduzido por Alain François et. al. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pensar a profissão – escrever a vida: memória, (auto)biografia e práticas de formação. **Relatório de Pesquisa para Professor Titular**. Salvador, UNEB, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **(Auto)biographie**: écrits de soi et formation au Brésil. Paris: L’Harmattan, 2008. (Coleção Histoire de Vie, Direção Gaston Pineau).

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

NOTAS

- ¹ Para aprofundamento da origem da profissão docente, consultar os textos de Nóvoa, “Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente” (1991) e “O passado e o presente dos professores” (1992c).
- ² Sobre as questões relacionadas à crise de identidade e ao ‘mal-estar’ relativo ao estatuto social e profissional, consultar Enguita (1991), Costa (1995), Contreras (2002) e Gatti (2003). No que se refere à política educacional, questões sócio-históricas no contexto brasileiro e latino-americano sobre história da profissão e trabalho docente, cabe consultar as pesquisas desenvolvidas por Alliaud (2007), Oliveira (2007), Fanfani (2007 e 2010), Vicentini e Lugli (2009), Catani (2003), que sistematizam dimensões sociológicas e históricas da profissão docente.
- ³ No que se refere aos discursos sobre os docentes, cabe consultar o trabalho de Fanfani (2009), que apresenta um estudo comparativo sobre políticas de formação e condições de trabalho docente de professores da Argentina, Brasil, Peru e Uruguai. De igual forma, Nóvoa organizou o livro *Profissão Professor* (1992a), tomando como eixo para a análise os dilemas históricos da profissão e da profissionalização docente. Mais especificamente, no seu texto *O Passado e o presente dos Professores* (1992a), o autor avalia que o estudo histórico do processo de profissionalização abre possibilidades para se compreender melhor os problemas contemporâneos da profissão.
- ⁴ As questões aqui apresentadas sobre entrevista narrativa correspondem ao trabalho ‘Pensar a profissão – escrever a vida: memória, (auto)biografia e práticas de formação’ (SOUZA, 2009), apresentado para Progressão Funcional para Professor Titular, na Universidade do Estado da Bahia.
- ⁵ Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, na base de pesquisa da Linha de Pesquisa II – Currículo, Tecnologias e Formação de Professores. No espaço do GRAFHO, desenvolvemos experiências de pesquisa centradas nas práticas de formação com as histórias de vida e com a abordagem (auto)biográfica, tanto em relação às práticas de formação, à construção da identidade docente, quanto em relação às memórias e trajetórias pessoais e institucionais.
- ⁶ As entrevistas narrativas foram desenvolvidas no âmbito da Disciplina Abordagem (Auto)biográfica e formação de professores, no período de agosto a dezembro de 2008.
- ⁷ Embora, como salienta o autor, o texto trate de um caso particular – os professores e a sociedade inglesa, entendo que as questões por ele colocadas são cabíveis em outras esferas, que não especificamente o sistema público inglês. Afirma o autor que “A identidade do professor tem o potencial para não só refletir ou simbolizar o sistema, como também para ser manipulada, no sentido de melhor arquitetar a mudança [...]” (Lawn, 2000, p. 71).